



J. Marques-Teixeira

Paes de Sousa deixou-nos uma saudade enorme. Não o conheci senão nos últimos 15 anos, mas era como se nos conhecêssemos desde sempre. Pelo menos era assim que eu o sentia. Sempre me despertou uma profunda admiração o seu carácter e a sua sagesa de viver. Era um homem sagaz, como o que pressente na atmosfera a confiança ou a traição. Viveu intensamente a vida, com essa capacidade de defesa, de astúcia, de previsão e pré-conhecimento da vida. Era um homem iluminado que bem sabia aquilo que o homem civilizado, amparado por convenções artificiais, vai perdendo ou nunca desenvolve por completo. Ao mesmo tempo que tinha um apego apaixonado ao momentâneo, sem se deixar enredar nas teias do efémero, cultivava o gosto pela história. Por isso, criou asas e voava quando queria. Gostava de todos, sem deixar de ser lúcido, sem deixar de ser implacável. Aquele que gosta é implacável. A assiduidade de confidências tornavam-no um ser encantador, mas também lhe trazia alguns espinhos que, com a mesma amabilidade e delicadeza, ultrapassava. Às vezes irritava-se. Ainda bem, digo eu.

Era um profissional exímio que soube desenvolver a arte de estar com as pessoas, pois conhecia a alma humana de dentro para fora, o que é talvez prever sempre nela o imprevisível.

E um dia, foi atacado por essa enorme previsão que é o anúncio da morte. Mas, mesmo aí, continuou atarefado com a vida, lutando contra a morte. Um dia, num último olhar, abrangeu aquele céu esbranquiçado do seu quarto do hospital... e que era imenso... e, como em ondas do espaço, continuou mesmo através dos mundos, das estrelas vivas ou extintas; os seus lábios emudeceram e o som dos passos deteve-se, por fim, sobre o seu coração.

Adeus meu amigo...

Em Memória de... Paes de Sousa

In Memoriam... Paes de Sousa

Um dos seus grandes amigos deu-nos o privilégio de falar dele, desprendidamente, como os amigos falam. Ouçamos António Pacheco Palha, ou “o António”, como Paes de Sousa lhe chamava.

O Dr. Manuel Paes de Sousa foi um dos mais brilhantes clínicos que a Psiquiatria portuguesa teve, porque além de clínico conseguia explicar, expor, ter uma atitude pedagógica ensinando as perícias e ensinando o valor que tem a relação médico-doente, para nesse acto conseguirmos detectar, pesquisar, identificar sinais, sintomas e enquadrá-los em grandes síndromes e depois compreender a doença e a dor.

Ele foi assistente da cadeira de Histologia, onde era encarregado do Prof. Xavier Morato da área do sistema nervoso central; começou cedo a perceber as ligações entre a estrutura e o funcionamento do cérebro e o comportamento e, daí, ter sido sempre um grande defensor da Psiquiatria como um ramo da Medicina.

Isso é importante, porque nos anos 60, como se sabe, com os movimentos anti-psiquiátricos, desvalorizou-se imenso a psiquiatria, quase a considerando como uma excrecência, algo que foi inventado pelos psiquiatras para terem um local, uma área para ganhar dinheiro; a doença era vista como o fruto de uma sociedade injusta, como resultado de situações depressivas mais variadas, desde a sociedade à família e chegou-se, mesmo, a negar a esquizofrenia como entidade clínica. Ora, o Dr. Paes de Sousa sempre foi, não foi só ele, mas agora estamos a falar dele, um dos grandes paladinos da Psiquiatria como especialidade médica, feita por médicos, embora tendo naturalmente alguma dimensão social.

Isto veio caracterizar a sua gestão a curto prazo, no curto período em que foi director dos Serviços de Psiquiatria e Saúde Mental. Na altura, quando o Dr. Paes de Sousa foi para a Direcção Geral de Saúde, chamava-se, então,



Direcção de Saúde Mental, sendo encarada no nível dos cuidados primários de saúde. Ora, o Dr. Paes de Sousa lutou para que o nome mudasse — não é que o nome fosse importante, mas era simbolicamente importante — para Direcção dos Serviços de Psiquiatria e Saúde Mental. Nesse sentido, quando ele pressiona no decreto (que foi talvez o dado objectivo mais claro da passagem dele pela Direcção Geral), a integração dos Centros de Saúde Mental nos hospitais dos diferentes distritos, enquanto Departamentos de Psiquiatria e Saúde Mental, mostra bem esta ideia que é mais que justa e clara, segundo a qual a Psiquiatria é uma clínica e não se esgota apenas na Saúde Mental, que tem por objectivos fazer a prevenção e a promoção da saúde. É importante que isto seja lembrado, tanto mais que a reforma por ele proposta foi tão contestada, quase crucificada, tendo acabado por ser vítima dessa mesma luta e, de uma forma muito pouco clara e até indelicada e incorrecta, acabou por ser posto fora da Direcção, com a alegação de que fazia clínica privada e, portanto, a sua situação era incompatível com o cargo. Repare que muitos outros fizeram clínica privada e nunca ninguém foi afastado por causa disso. Foi uma habilidade mal montada.

Ele ficou sempre muito magoado com isso. Ao contrário do que eu acharia e que lhe disse muitas vezes, tive que tecer armas por ele e por aquilo que ele pensava (que era sobreponível à maneira como eu penso), nunca quiz escrever nada nem explicar nada. Passou por lá e podia tê-lo feito, tinha autoridade para isso, capacidade e habilidade, escrevia bem, mas nunca o fez. Acabou por ficar muito magoado, quase assustado, pré-depressivo, afastando-se dessa luta. Acho que foram muito injustos em relação a ele, neste domínio. Tanto é assim, que ainda hoje se mantém o decreto, nunca ninguém o revogou e continua a haver Departamentos de Psiquiatria nos Hospitais Gerais. Foi uma medida notável e nunca ninguém regressou outra vez aos Centros de Saúde Mental.

Para além disso, foi para assistente do Prof. Fragoso Mendes, que foi um grande Professor da Fac. de Medicina de Lisboa, de Psiquiatria, tendo sido o introdutor em Portugal, dos estudos sistemáticos e da linha de investigação em psicopatologia clínica. O Dr. Paes de Sousa, seu discípulo directo e dilecto, é o continuador do trabalho do Prof. Fragoso Mendes na psicofarmacologia e por isso esteve muito envolvido em todos os movimentos, quer nacionais, quer internacionais, tendo acabado por criar,

com outros colegas e comigo, a Sociedade Portuguesa de Psiquiatria Biológica da qual, à data da sua morte, era o seu Presidente. Esteve também muito envolvido na Gerontopsiquiatria, sendo esse, talvez, o amor mais precoce dele. Tendo sido o braço direito do Prof. Barahona Fernandes na área Clínica, organizou os primeiros congressos nacionais de Psicogeriatría, já lá vão 20 anos ou mais.

Para além destes aspectos profissionais, o Dr. Paes de Sousa era também um homem muito inteligente, muito culto, muito interessado nas coisas da vida, era um cultor da música, da ópera, mas sobretudo do cinema. O cinema era o seu grande amor! E através do cinema também ganhou muita experiência da vida; tinha uma memória fantástica, era capaz de dizer, filme, autor, realizador, em que data, que prémios teve; tinha um caderno onde anotava todas as suas recordações sobre tudo ligado ao cinema, com os principais prémios internacionais e os locais. Penso que o cinema foi muito importante como via para aprofundar o conhecimento dos homens e do mundo e penso que ele chegou a ser durante uns anos o grande animador do Festival da Figueira da Foz. Por outro lado tinha muitos conhecimentos literários, lia muito, passava a noite a ler, deitava-se tarde, às 3 da manhã. Era frequente eu comunicar com ele às 2 da manhã — também me deito tarde — talvez seja uma maneira insólita de viver, mas era assim que nós fazíamos. Para além disso, tinha muita capacidade de dinamização de grupos, envolvendo os mais novos, como o Tropa, o Leitão, o Câmara Pestana, organizando congressos e as mais variadas actividades. Na verdade ele era um homem muito mais de organização, que estava sempre a pensar, a dinamizar, a ensinar, do que um homem de gabinete. A não ser à noite, que gostava de se recolher no gabinete, de resto era um homem de acção.

Era um sujeito, dada a sua cultura, o seu conhecimento da psiquiatria, o conhecimento de história, a sua isenção na intervenção pública, com um espírito crítico ou com uma fina ironia (que as pessoas não percebiam), que ele utilizava, por vezes, para caracterizar uma situação e com a sua bonomia — na verdade não era um homem de conflitos sem deixar de defender as suas posições — que vai fazer muita falta durante algum tempo, pelo menos para aqueles que o conheceram na psiquiatria portuguesa.

Porto, 6 de Junho de 2004

